



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



### UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS, RESENHA.

José John Almeida Soares<sup>1</sup>

(Graduado pela Universidade Estadual do Maranhão – Campus Bacabal)

**RESUMO:** Esta resenha objetiva fazer uma avaliação da obra de Boaventura de Sousa Santos: “um discurso sobre as ciências”, tendo em vista as importantes reflexões que ela traz em suas páginas sobre o fazer científico do século XVII ao século XX. Sendo uma grande contribuição epistêmica para aqueles que se dedicam a esse fazer, pois os levam a reavaliar suas condutas enquanto pesquisadores. A eficácia e os caminhos traçados por uma pesquisa dependem muito do arcabouço e posicionamento teórico que normalmente a direciona, o livro do sociólogo aponta posicionamentos que ajudam os pesquisadores a construírem pesquisas científicas mais abertas, como visões e caminhos diferentes apontando novas possibilidades no fazer científico. Ele fala de dois grandes posicionamentos teóricos que se relacionam com a produção científica, um mais tradicional e conservador chamado de Paradigma Dominante, outro mais inovador e transgressor chamado de Paradigma Emergente. A partir da definição dessas duas forças são apontadas suas características e a relação de interdependência entre ambas.

**Palavras chaves:** Ciências, ciências sociais, paradigmas.

### INTRODUÇÃO

Enquanto graduando do 6º (sexto) período do curso de Letras, houve a possibilidade de contato com o livro de Boaventura de Sousa Santos: “Um discurso sobre as ciências”, que se deu por meio da disciplina de Produções Acadêmico-científicas ministrada pelo professor Doutor Waltersar José de Mesquita Carneiro. A obra traz uma reflexão sobre o fazer científico de seu desenvolvimento inicial à contemporaneidade, provocando assim um interesse em repensar, avaliar e significar as atividades científicas realizadas no meio acadêmico.

Boaventura de Sousa Santos apresenta, na obra “Um discurso sobre as ciências”, os caminhos que já foram traçados pelas ciências, os que estão em construção e aponta, ainda, os que poderão ser construídos. A obra está distribuída em três temas gerais, sendo que o terceiro se encontra subdividido.

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras, com habilitação em literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – Campus Bacabal. E-mail: [johnpatriciu@gmail.com](mailto:johnpatriciu@gmail.com)



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



O escritor indica várias teorias e bibliografias que fazem parte desse processo. Inicialmente o autor apresenta aquilo que já foi conquistado pela ciência, todo o seu progresso, e diz, também, que estamos passando por um momento de transição no pensar científico, o que chama de Paradigma Emergente.

### OS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO CIENTÍFFICO

O autor fala das ciências naturais como uma grande força que se impôs sobre as demais formas de conhecimento, Paradigma Dominante, que agora está sendo questionado por que se buscar fazer uma reflexão epistemológica sobre o papel científico na sociedade, buscando um outro modelo de racionalidade. O modelo atual, de acordo com Boaventura, vem se perpetuando desde a revolução científica do século XVI, puxado pela hegemonia das ciências naturais, mas que nem sempre corresponde à realidade, outra, vivida pela sociedade atualmente. Pois se trata de um parâmetro que em muitos casos nega outras possibilidades de conhecer, que não seja o seu, ou que não esteja pautado de acordo com seus moldes.

O professor aponta que o Paradigma Dominante percorre um caminho de separação: o homem da natureza, a ciência do senso comum. O objeto de estudo é dividido cada vez mais em partes menores para que possa ser analisado, buscando diminuir e mesmo suplantar toda a complexidade do seu todo. É preciso controlar, quantificar, simplificar, ordenar a “desordem”. Visão que é confirmada por pensadores como Rene Descartes. A preocupação maior aqui é entender e explicar o funcionamento das coisas, deixando de lado o agente e fim de tais coisas. Buscando, assim um distanciamento ainda maior do saber popular, do senso comum.

De acordo com o sociólogo, o mundo é visto e estudado por uma visão mecanicista, quantitativa, tudo deve e pode ser medido e explicado pelas leis matemáticas e físicas. Pensamento que não ficou restrito somente ao ambiente dos estudos naturais, mas influenciou a área das humanidades, também. Como a sociologia, fala o pesquisador, que passou a querer explicar os fenômenos sociais como se fossem naturais, aplicando à primeira os métodos da segunda, pois cria-se na universalidade e aplicabilidade de seus métodos a outras formas de investigação. Até então o Paradigma Dominante impôs-se como uma força superior e mesmo inquestionável que respinga nas demais áreas do conhecimento.

Mesmo o fazer científico estando sob tal jugo, o estudioso fala de uma transformação, mudança e mesmo de uma revolução na visão que se tinha a respeito da ação da ciência até o momento. Aquele pensamento anterior, de acordo com ele, passa por uma crise provocada pelo



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



avanço, aprofundamento e amadurecimento que ele mesmo provocou. Permitindo, de tal forma, um questionamento e avaliação das bases que sustentam tal concepção.

Boaventura fala de um distanciamento da reflexão científico-filosófica após as grandes conquistas científicas conseguidas a partir do século XVI, contudo nos tempos mais recentes houve um retorno a tais reflexões. Os próprios cientistas são responsáveis por repensar e reavaliar suas práticas, eles buscam uma avaliação epistemológica sobre as verdades que professam. A ciência moderna se tornou fria, coisificadora e distante de seu objeto, ela o desqualifica e sobrepõe o pesquisador em relação ao objeto, diz o professor.

Sem dúvida ao longo da história os avanços científicos foram uma contribuição positiva para o bem-estar e crescimento econômico, social e cultural das sociedades, graças ao rigor de seus métodos, entretanto perderam muito no que concerne à sua autorregulação. Eles não estão pautados na busca de melhorias para a vida do ser humano apenas, mas com maior força são guiados por interesses políticos, econômicos e militares, fala o estudioso. O que distancia mais a produção e o acesso a tecnologias diversas por todos os países, uma vez que só uns poucos detêm a possibilidade de produzi-las.

Todavia a crise que se instaura nos círculos científicos não é tida como algo ruim, na visão de Boaventura, ao contrário é uma oportunidade de reconstrução, renovação, sendo ela, fruto da diversidade de pensares e posicionamentos dos cientistas que querem melhorar suas ações. O sociólogo explica que o Paradigma Emergente não pode ser dissociado do ambiente social como aconteceu com o Paradigma Dominante, sendo que aquela ideia dicotômica que separava ciências sociais e naturais é questionada por causa de grandes avanços obtidos pela física e biologia que vão derrubando as fronteiras entre o orgânico, inorgânico, humano, inumano.

Se inicia um novo processo científico mais humanístico, em que o ser humano é trazido para o centro, é o agente transformador desse modelo. O mundo está em constante comunicação e é indispensável, para o professor, que a ciência pós-moderna também trace esse diálogo com o mundo, havendo uma maior abertura para a junção dos saberes.

É constante na história da humanidade as mudanças na forma de ver, pensar e agir no mundo. Elas podem ser mais sutis ou mais fortes e drásticas, com um grande impacto na vida das pessoas. O que possibilita avanços e conquistas. Tais fatos, normalmente, não se restringem a um único ambiente, ao contrário perpassam os mais diversos: econômico, social, político, cultural, religioso, científico etc.



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Até ao eclodir das ciências como uma visão de mundo confiável e válida era a religião, no ocidente, por meio da igreja quem explicava a realidade através das reflexões e exegeses bíblicas. O que impedia, ou ao menos tentava, que posicionamentos que não iam ao encontro com aquilo que dizia as sagradas escrituras fossem aceitos e valorados. A sociedade vivia um período de forte ligação com o sagrado. A igreja Cristã-católica possuía uma gigantesca hegemonia e, às vezes, o que prevalecia era a vontade de seus membros que desejavam manter sua influência e poder.

Com a crise do regime que tinha a fé como centro, houve a oportunidade para os estudiosos exporem e difundirem seus pensamentos com maior liberdade. Se antes havia uma cosmovisão aberta, de coletivo, comunidade, união, busca do sagrado, ocorre uma reviravolta com a ascensão do cientificismo e seu olhar racionalista, investigador, inquieto, contestador. A partir desse momento buscou-se um distanciamento entre a fé e a ciência. A investigação científica com todo o seu rigor na análise, averiguação dos fatos, tentando entender e ordenar os fenômenos que estavam a sua volta buscava demonstrar sua racionalidade.

E de fato ela conseguiu validar e consolidar seus posicionamentos que com o decorrer do tempo foi se difundindo, naturalizando e universalizando. Esse foi o grande momento dos estudos científicos que passaram a guiar e ditar os caminhos seguidos pelas sociedades modernas desde esse momento. Ela tornou-se indispensável. E partindo desse marco não se chega a cogitar a vida humana moderna sem a tutela dela.

Ao que parece houve uma substituição do poder, sai a igreja e entra a ciência. Mesmo tendo se oposto ao autoritarismo e desmandos da religião, o que ocorre é a realocação no ordenamento de quem irá mandar. A ciência apresenta-se como uma outra “religião”: autoritária e inflexível às vezes, fechada, com verdades suas que são as únicas aceitáveis, negando toda e qualquer outra forma de pensar o mundo que não esteja de acordo com seu Paradigma. “As doutrinas e ideologias dominantes dispõem, igualmente, da força imperativa que traz a evidência aos convencidos e da força coercitiva que suscita o medo inibidor nos outros.” (MORIN, 2007, p. 27).

O professor Boaventura, posiciona-se contrário a essa forma de compreender o mundo, uma vez que se vive, atualmente, em uma sociedade de maior flexibilidade e abertura para possibilidades múltiplas, de bases menos rígidas. E as ciências, sobretudo a natural, se apresentam como uma verdade que muitas vezes não se questiona. O que não é compatível com uma realidade social de diversidade, mudanças constantes e rápidas, onde nada permanece por muito tempo.



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



O mundo caminha para uma maior integridade, compartilhamento e unidade na diversidade. Busca-se estabelecer ainda mais um diálogo entre as pessoas, os conhecimentos, o ser humano e mesmo o cosmos. Procura-se uma ligação entre os seres, uma maior aproximação e entendimento entre eles. Justamente o oposto do Paradigma Dominante que se isola e divide para entender e explicar a realidade. Edgar Morin (2007) fala desse excesso de fragmentação que é estabelecido na modernidade, a disciplinarização, as superespecializações que não permitem que o estudioso conheça a totalidade das coisas, mas que tenha um demasiado conhecimento de uma parte, apenas, delas, tornando-se um ignorante especializado. “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.” (MORIN, 2007, p. 36).

É preciso, com diz Moita Lopes citado por Pereira e Roca (2009), transcender para uma nova forma de conceber os estudos científicos. Conhecimento mais amplo, democrático, partilhado, transdisciplinar, indisciplinar que vá pelas fronteiras dos métodos, que busque conhecer a partir da realidade do que está sendo estudado e que esteja integrado com outros campos do conhecimento. E é justamente nesse caminho que segue a fala do professor Boaventura ao dizer que um paradigma novo já está em nosso meio e que concorre para esses ideais. É preciso o diálogo para a compreensão.

Leonardo Boff (1998) em seu livro “O despertar da águia” também apresenta duas forças opostas, mas complementares, que se chocam, aproximam e afastam-se: o “simbólico” e o “diabólico” análogas ao Paradigma Dominante (simbólico) e Paradigma Emergente (diabólico). O simbólico é o que já foi estabelecido, o modelo que se segue, conservador, como diz é a galinha que está presa ao galinheiro que lhe garante conforto e segurança, que a domesticou e não a permite alçar voo. Enquanto o diabólico é o novo, o contestador, inovador, a águia que abre suas asas e se lança aos céus em busca do desconhecido e não se permite estar presa. Contudo elas são interdependentes e complementares, uma necessitando da outra como reguladora de sua extensão e força.

Assim são os paradigmas apontados por Boaventura, forças opostas que necessitam uma da outra para que não corram o risco de se perderem. Um tem que compreender e aceitar que é necessário a mudança, formas novas, que não se pode, simplesmente, negar e rejeitar aquilo que destoa de seu posicionamento, afinal a própria ciência e fruto disso. O outro vem como uma visão diferente e necessária da realidade devendo agregar, contribuir e ampliar aquela já em voga. “O fato é que as áreas de conhecimento mudam e novos modos de produzir



conhecimento são reinventados, e aos pesquisadores, como sempre, cabe escolher os caminhos a seguir.” (LOPES in PEREIRA; ROCA, 2009, p. 20).

Na literatura há sempre uma alternância de duas visões de mundo, a dionisíaca (emoção) e apolínea (razão) que vão seguindo a periodização literária, hora elevando um ciclo literário, hora outro (as escolas). Sendo que cada bloco literário optar por uma dessas linhas como fio condutor de suas ideias, mas sempre bebendo, de alguma forma, na fonte do antecessor. Quando o saber científico alcançou sua supremacia ele desvalorizou e negou totalmente aquilo que defendia seu antecessor, fazendo uma cisão dramática entre ambos. A razão impôs-se como verdade única, se sobrepondo à fé na busca de consolidar suas bases.

Essa separação abrupta permitiu conquistas, entretanto, e sem sombras de dúvidas gerou perdas também. O ser humano está no centro do universo, antropocentrismo, mas foi negada sua totalidade: dimensão cultural, social, espiritual, afetiva. E a ciência pós-moderna, tentando sanar essa ferida, busca reestabelecer essa unidade. “O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional.” (MORIN, 2007, p. 23).

O que se quer agora é uma transcendência, religação do homem com todo o universo, com aquilo que está mais próximo de si, àquilo que está mais distante. “Ele existe e coexiste com outros seres no mundo e no universo. Ele precisa reconhecer esse vínculo de solidariedade cósmica, e inserir-se conscientemente nela.” (BOFF, 1998, p.21). Seria então o retorno de “Deus” para essa equação, mas não como uma entidade apresentada pela religião, contudo é o reconhecimento de uma força que atravessa todos os seres e que esses mesmos seres querem contemplar e compreender. Tanto no campo da metafísica quanto o científico.

“Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar.” (MORIN, 2007, p.32). É o que aponta o professor Boaventura em sua obra, desejoso de que as ciências, de fato, sejam pautadas por um novo paradigma, que já se apresenta como realidade. Seu escrito é de leitura indispensável para quem busca conhecer e refletir sobre a forma como se faz e quer fazer ciência no mundo, sendo ele uma fonte lúcida e crítica desse caminho.

## **REFERÊNCIAS**

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.



**II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina e ROCCA, Pilar (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, p. 11-24. 2009.

MORIN, Edgar, 1921 – **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 12. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 6. ed. – Porto: Afrontamento, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 6. ed. – Porto: Afrontamento, 1993.